

FATOS E NOTAS

AS ORIGENS REMOTAS DA ARMÊNIA (*).

A palavra **Armênia** é empregada indiferentemente, no sentido geográfico, para designar o alto planalto situado ao sul do Cáucaso e na parte oriental da Anatólia e, no sentido étnico e histórico, para indicar uma região cuja individualidade subsistiu a despeito das modificações dos limites territoriais.

Na sua maior extensão a Armênia histórica foi um vasto e poderoso reino, cujas fronteiras iam do mar Cáspio a leste até além da cidade de Cesaréia (Anatólia) a oeste; do mar Negro e da Geórgia ao norte, até a Mesopotâmia, a Síria e o Azerbaijã persa ao sul. Sua superfície total era de 350.000 quilômetros quadrados e ultrapassava muitas vezes o planalto onde ela estava localizada.

A maioria dos grandes rios da Ásia Anterior e do Cáucaso (o Tigre, os dois braços do Eufrates, o Kur, o Araxes, o Djorokh) têm suas nascentes nas montanhas da Armênia, cujo pico mais alto (o Ararat) eleva-se a 5.160 metros de altitude. É uma região de altos vales, de territórios de grandes altitudes, com lagos no interior de grandes maciços montanhosos (lago Sevan a 1.980 metros de altitude, o lago Van a 1.650, o lago de Urmia a 1.220), territórios separados uns dos outros por profundos vales e altas montanhas. Esse aspecto do solo da Armênia refletiu-se nas suas divisões históricas: Grande-Armênia, Pequena-Armênia e Nova-Armênia (Cilícia).

A Grande-Armênia compreendia 15 províncias, cujos limites foram muitas vezes modificados e são difíceis de ser estabelecidos. A oeste da Grande-Armênia, e separada pelo Eufrates, encontrava-se a Pequena-Armênia com 3 províncias. Por último, a Nova-Armênia (Cilícia), que foi conquistada pelos armênios apenas no século XI da nossa era e estava situada nas margens do Mediterrâneo; foi ela a região mais ocidental e meridional possuída historicamente pelos armênios.

Atualmente a Armênia só existe politicamente sob a forma de uma pequena república soviética que corresponde mais ou menos à antiga província de Siuniq e uma pequena parte do Airarat (ou a antiga província russa de Erivan) e cuja superfície é de 30.247 quilômetros quadrados (inclusive o lago Sevan com 1.402 quilômetros quadrados).

(*) — Nota publicada na revista *O imigrante armênio no Brasil*. Homenagem da Sociedade Artística Melodias Armênicas. São Paulo, 1960 (Nota da Redação).

A Grande-Armênia deixou de existir como Estado independente no século XI e a Armênia da Cilícia no XIV.

A própria conformação geográfica da Armênia determinou as suas características históricas: sua individualidade profunda em relação às outras regiões da Ásia Anterior e sua compartimentação interna. Desses dados geográficos decorrem as duas constantes da história da Armênia: de um lado a poderosa personalidade da nação armênia, personalidade que lhe permitiu sobreviver a tôdas as invasões, a tôdas as dominações e a tôdas as catástrofes; do outro lado um feudalismo inveterado, desde a mais alta Antigüidade, que foi sempre uma causa de enfraquecimento e discórdias.

Vejamos agora como essa Armênia foi constituída.

*
* * *

Essas particularidades geográficas e mais ainda o papel que a indústria pré-histórica da obsidiana — pedra escura ou verde-negra com aparência de vidro vulgar — tão abundante na Armênia, em particular na região próxima do antigo vulcão de Alagoz, explicam o povoamento muito antigo da região. Desde o neolítico a Armênia foi um centro de intensa fabricação de objetos de obsidiana e de pedra polida. A prova da intensidade da indústria e da concentração humana pode ser facilmente aferida pelos restos de muralhas “ciclópicas”, e monumentos megalíticos e inúmeros objetos deixados pelos antigos habitantes, principalmente em Aragadz. Com a descoberta da metalúrgia — que se não foi na Armênia, foi por perto — a região transformou-se num grande centro de fundição de metais. Pela sua posição privilegiada fez ela escoar seus produtos pelos vales dos rios que aí têm suas nascentes. Houve grandes centros metalúrgicos em Lelvar, Gandja, Qarabagh e no lago Sevan.

No estado atual dos nossos conhecimentos os orientalistas tendem a supor que mais ou menos no XVII século a. C. a Armênia, pelo menos a Armênia do lago Van, era habitada por um povo que desempenhou no Oriente um grande papel: os hurritas.

Os hurritas faziam parte dessas populações asiáticas — que não eram de origem semítica e nem indo-européia — e o seu vocabulário tem grande semelhança com a língua da região do Urartu (a Armênia). Essas duas línguas parecem derivar das línguas ibéricas ou georgianas do Cáucaso.

Os hurritas deram nascimento a dois reinos históricos que tiveram um momento de fastígio nos séculos XV e XIV a. C.: o de Hurri e o Mitanni, o primeiro na região de Diarbekir e o segundo na Osroene (região de Orfa, a antiga Edessa).

Na primeira metade do II milênio a. C. os indo-europeus do ramo ariano ou indo-iraniano estabeleceram-se como classe dominante entre êsses hurritas e foram êles que organizaram êsses reinos (Hurri e Mitanni). A origem indo-européia dos nomes dos governantes é perfeitamente visível na onomástica. O mesmo acontece com os nomes dos deuses Mitrasil, Arunasil, Indar, Nasattyana que são idênticos aos dos deuses da Índia sânscrita: Mitra, Varuna, Indra, Nasatya.

Mas se êsses hurritas desempenharam um papel importante na Mesopotâmia, pois disputaram aos egípcios a posse da Síria e regiões limítrofes no XV século a. C., nada sabemos sobre o que aconteceu na Armênia durante o seu domínio.

Os hititas, que dominaram a península anatólica durante séculos, mencionam muitas regiões situadas na Armênia entre as suas possessões, principalmente Hayasa, nome muito próximo de Hayastan (Armênia em língua armênia). Êles eram um povo compósito, que se constituiu mais ou menos em 2.000 a. C. na Capadócia com um fundo asiânico e uma aristocracia indo-européia. Ora, no século XV a. C. êsses hititas se lançaram à conquista de territórios a leste e foram êles que introduziram a Armênia na História, pois os seus famosos **Anais** foram descobertos nas ruínas da sua antiga capital Hattu (atualmente a aldeia turca de Boghaz-Keui). Por êsses textos ficamos sabendo que um rei hitita, Tutaliya III (c. 1410-1380 a. C.), dirigiu uma expedição contra um rei de Hayasa chamado Karannis. Suppiluliuma também entrou em relações com um rei armênio Huqqana a quem ensinou a etiqueta da sua côrte. Além dessa região de Hayasa, são também mencionadas as regiões de Azzi, Isuwa e Alche, que devem fazer parte da Armênia. O rei hitita Mursil II (c. 1347-1320 a. C.) também lutou contra o reino de Azzi e Hayasa. Tutaliya III (c. 1255-1230 a. C.) fez o mesmo.

Após 1200 a. C. se fez um grande silêncio sobre êsses reinos pré-armênios, pois precisamente nesse momento caiu o grande império hitita e os seus famosos arquivos de Hattu ficaram mudos. Mas em substituição às fontes hititas, temos os cuneiformes assírios desde a época de Tukulti-ninurta I (c. 1255-1218 a. C.) onde se mencionam campanhas contra as tribos da região de Nairi (ao sul do lago Van).

Com o rei assírio Teglatfalasar I (c. 1116-1090 a. C.) houve uma nova invasão da Armênia e êle se gaba de ter atingido o mar de Nairi (lago Van). Mas essa vitória não foi duradoura e os assírios logo entraram em decadência e, talvez por isso mesmo, os indígenas fundam um grande estado: o reino de Urartu que conhecemos não só pelas inscrições dos assírios, como também por inscrições numa língua muito próxima dos dialetos caucásicos. Êsse reino de Urartu será a base do futuro reino da Armênia indo-européia, como veremos mais adiante.

O fundador do reino de Urartu foi Arames — contemporâneo do rei assírio Assurnazirapal II (c. 884-859 a. C.) e de seu filho Salmanasar III (c. 859-824 a. C.) — que sofreu muitíssimo com as invasões dos seus vizinhos do sul. Salmanasar III parece ter saqueado em 857 a região do lago Van e em seguida a do lago de Urmia numa rápida e efêmera conquista.

Arames foi sucedido por Charduri I (c. 844-828 a. C.) que teve também Salmanasar III como adversário. Por isso mudou a capital armênia para Tchupa (Tosp-Van), fortificando-a com um muro que recebeu o seu nome.

Charduri teve por sucessores seu filho Ichpuni e seu neto Menua, tendo êste último reinado até 785 a. C. Nesse período o Urartu alcançou uma enorme extensão territorial. Menua foi o primeiro monarca do Urartu a atingir a bacia do Araxes. Foi êle não só um grande guerreiro, como também um civilizador, tendo se notabilizado nas construções de cidades e canais de irrigação.

Menua foi sucedido pelo filho Argichti I (c. 785-753 a. C.). Êste reinado é bem conhecido, pois temos dêle grande número de textos gravados na cidadela de Van. Nessas inscrições podemos verificar como o Urartu atingiu um grande progresso material. Êle venceu também os assírios de Salmanasar IV (c. 782-772 a. C.).

Charduri II (c. 753-735 a. C.) sucedeu a seu pai Argichti e como êle foi um grande monarca. Além da expansão do seu reino para o norte, foi o primeiro monarca a plantar videiras e fazer grandes jardins no Urartu. E' o período de apogeu dêse reino. Êsse esplendor em parte fôra devido a uma decadência passageira da Assíria, tanto é isso verdade que Charduri foi derrotado por Teglatfalasar III (c. 741-724 a. C.) em 735 e foi por êle sitiado em sua capital.

Essas campanhas incessantes dos assírios contra o Urartu podem ser explicadas pelo fato dessa região conter grande número de minas, principalmente nas proximidades dos lagos de Van e Urmia, que dominavam as grandes rotas da Asia Me-

nor a provisionando-a em ouro, prata e bronze, bem como os mercados da Mesopotâmia e do Mediterrâneo. A arte hitita sobreviveu nessas montanhas de fácil defesa e pode ser perfeitamente verificada nos restos que aí foram encontrados.

Rusas I (c. 735-713 a. C.) foi o sucessor de Charduri II e continuou a tradição dos reis anteriores de lutar contar os reis assírios. Foi vencido pelo famoso Sargão II da Assíria (c. 722-703 a. C.) em 713, que foi favorecido por uma invasão dos cimerianos no reino de Urartu. A expedição de 713 é longamente descrita numa inscrição de Sargão em que êle inumeramente descreve os tesouros conquistados, que mostram a especialidade metalurgista dos habitantes da região. Nos despojos figuram 34 talentos de ouro, 167 de prata, 6 espadas de ouro, 88 vasos de prata, mais de 25.000 escudos, mais de 300.000 espadas e mais de 1.500 lanças de bronze. Rusas morreu de desespêro e o Urartu deixou de ser perigoso para a Assíria.

Argichti III (c. 713-680 a. C.) sucedeu a seu pai. Foi também um grande construtor e defendeu-se de Sennacherib (c. 705-681 a. C.) nas montanhas do seu país.

Com Rusas II (c. 680-648 a. C., filho do precedente, houve nova invasão cimeriana que êle hábilmente desvia para o reino frígio de Midas (c. 675 a. C.). Os armênios das épocas posteriores são provavelmente descendentes destes frígios dispersados: os muchkhi dos textos assírios. Seria talvez a primeira invasão dos futuros armênios. Rusas II os repeliu e fez entre êles inúmeros prisioneiros. Mas um novo perigo ameaça o Urartu: os citas. Tratava-se de uma invasão de tribos nômade indo-européias, saídas das estepes russas. Rusas II não atacou e nem foi atacado pela Assíria que também temia pelas suas fronteiras. Assurbanipal (c. 669-625 a. C. procura reservar suas forças para repelir os novos invasores, mas foi o rei lídio Giges quem finalmente venceu os cimerianos.

Charduri II (c. 646-610? a. C.) e Rusas II (c. 610-585 a. C.) parecem ser os últimos reis do Urartu, pelo menos são os últimos mencionados nas fontes que possuímos. Também desde 612 a. C. deixara de existir Nínive, vencida pelo ataque dos medas e dos babilônios.

O Urartu desapareceu como reino independente um quarto de século depois de Nínive, devido a migração dos armênios indo-europeus, mas a sua civilização subsistiu e impregnou os vencedores. Êstes eram de língua indo-européia e vieram da Frígia, como nos afirma Heródoto, que os conhecia e diz terem sido êles notados entre os soldados persas mortos na batalha de Maratona em 480 a. C., pelas suas vestes semelhantes a dos

frígios e pelas suas botas de montanhese de pontas recurvadas. Pelo que sabemos, são parentes dos trácios e cimerianos, expulsos desde o VIII século a. C. das estepes meridionais da Rússia.

Em 1200 a. C. os trácios tinham invadido a Anatólia e sob o nome de frígios destruíram o império hitita. Êsses muchkhi em 882 a. C. avançam e entram em choque com os assírios. Em 718-715 a. C. um dos seus reis Mita (Midas) derrotou os assírios. Um outro muchkhi, Gurdi (Górdio), deteve os assírios e talvez tenha sido êle quem tenha guiado os armênios frígios para a proximidade da Armênia. Na época de Heródoto distinguiam-se ainda na Armênia dois povos: os alarodianos (urartus) e os armênios. Xenofonte fala ainda da luta dos armênios contra os khaldes (adoradores do deus Khaldi do Urartu).

*
* * *

Pouco a pouco a região foi se armenizando, começando pela planície e atingindo os lugares mais elevados posteriormente. Os antigos habitantes adotaram a língua armênia e paulatinamente perderam o uso dos seus dialetos.

Essa nova Armênia entrou em contacto com os medas e persas e tornou-se vassala dessas novas potências, recebendo a cultura irânica e fazendo-a sua. Paulatinamente foi transformando-se numa satrápia aquemênida, apesar de não pagar quase tributos, protegida que estava pelas suas montanhas. Isolada aí tomou parte muito pequena nas lutas entre os diádocos de Alexandre. Nominalmente a Armênia pertenceu aos selêucidas, foi assim pelo menos que Roma tomou contacto com essa dura e eterna Armênia.

E. SIMÕES DE PAULA

Professor da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.